

## ESCRITAS DE SI EM LIMA BARRETO – UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR SOB A PERSPECTIVA BIOÉTICA

*Alinne Arquette Leite Novais* (UENF)

[alinnearquette@gmail.com](mailto:alinnearquette@gmail.com)

*Moyana Mariano Robles-Lessa* (UENF)

[moyanarobles@hotmail.com](mailto:moyanarobles@hotmail.com)

*Juliana da Conceição Sampaio Lóss* (UENF)

[ju.sampaio23@hotmail.com](mailto:ju.sampaio23@hotmail.com)

*Hildeliza Boechat Cabral* (UENF)

[hildeboechat@gmail.com](mailto:hildeboechat@gmail.com)

### RESUMO

A literatura revela um mundo novo e também reforça as vivências daquele que escreve, ora de forma desvelada, como na autobiografia ou nas memórias, ora de maneira oblíqua, em que se pode, mesmo através de uma escrita sobre o outro, perceber a existência de escritas de si. Assim, torna-se possível conhecer os perfis daquele sobre quem se escreve, o personagem, e do próprio autor do texto, sejam eles a mesma pessoa ou não, permitindo a análise da obra para além da literatura. A obra de Lima Barreto traz as feições de uma época que ainda se vê refletida em comportamentos atuais, permitindo uma análise interdisciplinar e uma reflexão bioética sobre a vida, a sobrevivência e a morte. A discussão proposta envolve o gênero narrativo utilizado por Lima Barreto em várias obras, propondo-se o seguinte problema de pesquisa: Em que ponto as escritas de si estão presentes em Lima Barreto e em que medida sua literatura nos proporciona reflexões bioéticas? Foi usada a metodologia qualitativa, através de pesquisa bibliográfica na obra de Lima Barreto, de autores que o analisam, além de estudiosos e pesquisadores de outras áreas afins, permitindo descortinar a realidade pessoal e social por trás da narrativa.

### Palavras-chave:

Bioética. Memórias. Escritas de si.

### ABSTRACT

Literature reveals a new world and also reinforces the experiences of the one who writes, sometimes in an unveiled way, as in autobiography or memoirs, sometimes in an oblique way, in which one can, even through a writing about the other, realize the existence of writings of the self. Thus, it becomes possible to know the profiles of the one who is written about, the character, and the author of the text himself, whether they are the same person or not, allowing the analysis of the work beyond literature. Lima Barreto's work brings the features of an era that is still reflected in current behaviors, allowing an interdisciplinary analysis and a bioethical reflection on life, survival and death. The proposed discussion involves the narrative genre used by Lima Barreto in several works, proposing the following research problem: To what extent the writing of the self is present in Lima Barreto and to what extent does his literature provide us with bioethical reflections? The qualitative methodology was used, through bibliographic research on Lima Barreto's work, authors who analyze him, as well as

scholars and researchers from other related areas, allowing the unveiling of the personal and social reality behind the narrative.

**Keywords:**

**Bioethics. Memories. Writings of self.**

**1. Considerações iniciais**

*Dolorosa vida a minha! Empreguei-me há 6 meses  
e vou exercendo as minhas funções. Minha casa  
ainda é aquela dolorosa geena pra minh'alma. É  
um mosaico tétrico de dor e de tolice. Meu pai,  
ambulante, leva a vida imerso na sua insânia.*  
(LIMA BARRETO, Diário íntimo)

A literatura revela um mundo novo, mas também reforça, em muitos aspectos, as vivências daquele que escreve, ora de forma desvelada, como na autobiografia ou nas memórias, ora de maneira oblíqua, em que se pode, mesmo através de uma escrita sobre o outro, perceber a existência de escritas de si, do próprio autor, que relata suas experiências em outros personagens, ou se relata num mundo fictício, como na autoficção.

A partir das revelações proporcionadas pelas escritas de si, torna-se possível conhecer não apenas os perfis daquele sobre quem se escreve, o personagem, mas do próprio autor do texto, sejam eles a mesma pessoa ou não, e isso permite a análise da obra para além da literatura, possibilitando a realização de investigações em vários campos do saber.

A análise interdisciplinar da narrativa de Lima Barreto permite, em várias obras, uma importante reflexão bioética sobre a vida, a sobrevivência e a morte, demonstrando que há muito que se evoluir para evitar que pessoas continuem tendo negados seus direitos mais essenciais.

A discussão envolve o gênero narrativo utilizado por Lima Barreto em obras como “O triste fim de Policarpo Quaresma”, “Diário íntimo”, “Diário do hospício” e “O cemitério dos vivos”, além de algumas crônicas do autor, a fim de demonstrar como a narrativa pode ser instrumento de preservação da memória, em que muitas vezes a história contada é uma escrita de si que, na verdade, revela um si além de si, um si que se forma não apenas pelo que foi vivido, mas pelo que foi contado.

Utilizando a metodologia qualitativa, com base no referencial teórico sobre as questões tratadas, através de pesquisa bibliográfica na obra de Lima Barreto, de autores que analisam seus escritos, além de estudiosos e pesquisadores de áreas como a Literatura, a Filosofia, a Antropologia, a Bioética e o Direito, buscou-se responder ao seguinte problema de pesquisa: Em que ponto as escritas de si estão presentes em Lima Barreto e em que medida sua literatura nos proporciona reflexões bioéticas?

## 2. *Escritas de si e Lima Barreto*

Para Walter Benjamin, a narrativa tem sempre em si, embora às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária, que pode consistir num ensinamento moral, numa sugestão prática, num provérbio ou numa norma de vida, mas certamente o narrador é um homem que sabe dar conselhos (1994), pois sua fonte é a experiência que passa de pessoa a pessoa (1994).

O texto de Benjamin muito nos fala sobre a arte de narrar e sua importância, de modo que, ao prever a morte do narrador, ele se enche de nostalgia, conforme aponta Ewald (2008). Nesse sentido, ao analisar Benjamin, Fernandes (2019) afirma:

Segundo o autor, a narrativa tem um caráter artesanal e funda-se na experiência transmitida oralmente de uma geração à outra carregando consigo a experiência daquele que a narra (narrador/contador de histórias). Quase sempre essa experiência narrativa – se abordada no ponto de vista do filósofo em questão – está fundada num interesse prático e aparece sob a forma de um conselho carregado de sabedoria. Por isso, teve, durante muito tempo, uma forte influência na difusão de acontecimentos, pois tinha como característica a ausência de explicações, cabendo ao leitor ou ao ouvinte interpretar o que ouvia ou lia. (FERNANDES, 2019, p. 7-8)

Nesse contexto, o gênero narrativo revela toda a sua importância para a preservação da memória, especialmente em autores que retratam a tradição oral outrora impossível de ser escrita (Cf. ARQUETTE *et al.*). Mas essa importância vai além da transmissão da sabedoria pelas memórias, tendo, segundo Ewald, uma função integrativa, em que se tem sempre o presente em perspectiva, “mantendo a complexidade integrativa do evento humano da narrativa” (2008, p. 5), pois há uma ligação intrínseca entre memória, narrativa oral e ação social, sendo a história

“construída socialmente, através de uma interação, nos momentos de espacialização, por meio da voz, do corpo e de inscrições” (2008, p. 6).

Assim, a narrativa como relato da memória e da tradição oral é meio de transmissão de sabedorias e de formação de conhecimentos, em uma perspectiva que se origina no passado, mas que permite, através dele, viver criticamente o presente e buscar melhorias para o futuro.

Conforme Durand (2014):

A tradição não é um depósito morto e imutável, mas um recurso inesgotável, cuja riqueza só se revela de acordo com a capacidade de recepção e de reinterpretação das pessoas de hoje. Por outro lado, ninguém cria nada; a liberdade humana ainda é uma liberdade regulada pela retomada do que nos foi transmitido. (DURAND, 2014, p. 22)

Em Lima Barreto, essa função utilitária da narrativa, segundo Schwarcz (2019), se expressa em testemunho, ou escrita de si, confundindo-se com sua história privada, na medida em que ele pode ser reconhecido em cada um de seus personagens, e “com uma certa história do Brasil que prometeu inclusão, mas entregou muita exclusão social”, já que ela extrapola a expressão individual, importando também em expressão coletiva, pois as escritas de si envolvem as experiências do narrador e do grupo em que está inserido.

Segundo Silva (2007, p. 25), “a literatura barretiana, malgrado não se limite a ser um mero relato de dramas pessoais, foi construída notadamente a partir da transfiguração de suas vivências”.

Nesse aspecto, é possível reconhecer o que Philippe Lejeune (2014, p. 50), chamou de pacto fantasmático, na medida em que “o leitor é convidado a ler os romances não apenas como ficções remetendo a uma verdade da ‘natureza humana’, mas também como *fantasmas* reveladores de um indivíduo”.

Assim, enquanto transmissão da experiência individual e coletiva, traduzindo a memória partilhada e perpetuada, a narrativa foi usada por Lima Barreto como forma de relatar os seus dilemas pessoais e os problemas sociais, denunciando a violação dos direitos humanos no Brasil.

Nesse sentido, Ramos (2015) afirma que

[...] a tipificação em Lima Barreto não pode ser vista simplesmente como resultado do ressentimento social daquele que, pelas condições raciais e sociais, foi vítima da sociedade de seu tempo. Mais do que isso, a tipificação revela uma orientação analítica e não apenas um brado, um

desabafo do ressentido. Revela um desejo de entendimento do processo social suportado em sua curta e malograda existência. (RAMOS, 2015, p. 14)

E isso é verdade, pois além de abordar os problemas enfrentados por ele próprio, Lima Barreto propõe, através de sua obra, reflexões sobre as condições adversas a que submetidas as pessoas menos favorecidas, revelando, em “O triste fim de Policarpo Quaresma”, a desconstrução dos “mitos e símbolos erigidos pela elite dominante no propósito de conferir identidade à nação” (SILVA, 2007, p. 47) e possibilitando a reconstrução de tal identidade, a partir da realidade repleta de problemas e dificuldades sociais.

O objetivo de denunciar os problemas sociais revela-se, também, em “Diário do hospício” e em “O cemitério dos vivos”. Na primeira obra, escrita em primeira pessoa, o autor traz memórias e reflexões sobre sua passagem pelo hospício, relatando situações por ele mesmo vividas e testemunhadas, que revelam o descaso e a pobreza a que submetidos os lá internados, um verdadeiro depósito humano. No segundo título, um romance inacabado, embora as pessoas do autor e do narrador/personagem não se confundam, as escritas de si também se revelam, trazendo suas experiências no manicômio através dos relatos do narrador, Vicente Mascarenhas.

Assim, escritas em primeira ou terceira pessoa, confundindo-se ou não as figuras do autor, narrador e personagem, em muitas de suas obras Lima Barreto escreve sobre seu eu, suas vivências e suas indignações, não com o objetivo de “buscar o indizível, revelar o oculto, dizer o não dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito: reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si” (FOUCAULT, 2004, p. 149).

Ganham espaço em sua narrativa, então, tanto a análise do pacto autobiográfico, de Philippe Leujeune (2014), quanto do espaço biográfico, abordado Leonor Arfuch (2010).

Nos diários – “Diário íntimo” e “Diário do hospício” – em que o autor traz relatos próprios, em primeira pessoa, embora não sejam autobiografia, para Costa, (2016, p. 31) o pacto autobiográfico de Lejeune se revela, “sobretudo pela interlocução do autor com o seu leitor a partir dos vestígios autobiográficos”, pois “o autor coloca sua vida em paralelo com o processo imagético de criação”.

Aliás, em seu “Pacto Autobiográfico (Bis)”, Lejeune esclarece que a palavra autobiografia comporta dois sentidos e não apenas aquele usado na primeira versão de seu texto, oportunidade em que fez uma autocrítica (Cf. LEJEUNE, 2014). Assim, ela pode ser entendida em seu sentido estrito, como aquele que usou, mas também num sentido mais amplo, para designar “qualquer texto regido por um pacto autobiográfico, em que o autor propõe ao leitor um discurso sobre si, mas também (...) uma realização particular desse discurso, na qual a resposta à pergunta ‘quem sou eu?’ consiste em uma *narrativa* que diz ‘como me tornei assim’” (LEJEUNE, 2014, pp. 63-4). E essa concepção ampla realmente se mostra presente nos diários de Lima Barreto.

De outro lado, “O triste fim de Policarpo Quaresma” e “O cemitério dos vivos” proporcionam a análise do espaço biográfico, mais amplo que o espaço autobiográfico de Lejeune (2014), em que, conforme Arfuch (2010, p. 62), “embora muitas de suas formas sejam consensualmente autobiográficas, ou, pelo menos, autorreferentes”, nele não há “coincidência essencial entre *autor* e *narrador*”.

Assim, as escritas de si, veladas ou desveladas, estão presentes na obra barreteana, sendo possível verificar a presença do autor em seus personagens, ainda que parcialmente, em um espaço que ele mesmo se deu e em que registrou não apenas suas crenças, mas também a realidade social vivida pelos marginalizados e discriminados.

### **3. Lima Barreto em seus personagens**

Conforme alerta Schwarcz (2009), “certo é que Lima Barreto ficcionalizava sua própria vida, independentemente do gênero da obra”. Sem escrever uma autobiografia, Lima Barreto se escreveu em seus personagens, em que pode ser reconhecido por várias nuances e pontos de vista, assim como escreveu a realidade vivida, principalmente pelos vencidos e marginalizados. Além de si, ele escreveu os seus e para os seus, ora sendo possível identificar traços de seu pai, ora dedicando livros e contos à sua mãe, em quem muito se inspirou (Schwarcz, 2009).

Manoel Freire (2014) afirma:

Um dos pontos mais sensíveis da escrita de Lima Barreto, sobre o qual praticamente todos que se ocuparam da sua obra disseram alguma coisa (seja acentuando, seja minimizando sua importância) é a relação entre vida e obra, isto é, as ressonâncias autobiográficas no espaço textual, traço que, embora não seja uma originalidade desse autor, nele se

apresenta de uma maneira singular, seja pela frequência, seja pelo modo como se opera. (FREIRE, 2014, p. 86)

Em “O triste fim de Policarpo Quaresma”, escrito em 1911 e ambientado entre 1891 e 1894, Lima Barreto relata a vida e a morte do protagonista, percorrendo o caminho de sua transformação e trazendo, conforme José Carlos Mariano do Carmo, o discurso em favor dos vencidos, para não permitir que sua história seja apagada ou destruída (Cf. CARMO, 2013).

É possível identificar, em alguns aspectos, Lima Barreto em Policarpo Quaresma. O Policarpo defensor ferrenho da República revela o pensamento de Lima Barreto, que mais tarde escreveu a crônica “15 de Novembro”, datada de 1921, em que afirmou: “Entretanto – eu o sei bem – o 15 de Novembro é uma data gloriosa, nos fastos da nossa história, marcando um grande passo na evolução política do país.” (BARRETO, 1921). Contudo, o Policarpo desiludido também revela-se em Lima Barreto, na mesma crônica, quando afirma: “Não será, pensei de mim para mim, que a República é o regime da fachada, da ostentação, do falso brilho e luxo de *parvenu*, tendo como *repoussoir* a miséria geral? Não posso provar e não seria capaz de fazê-lo.” (BARRETO, 1921).

Além disso, assim como Policarpo Quaresma, Lima Barreto e antes, seu próprio pai, foi internado num hospício, o que revela que a sorte de Policarpo não foi diferente, nesse aspecto, daquela de seu criador. Aliás, Schwarcz (2009) afirma mesmo que o pai “viraria personagem de Lima Barreto em várias obras, sobretudo em Triste fim de Policarpo Quaresma, quando faz um ‘double’ de personagem principal da obra.”

Em “O triste fim de Policarpo Quaresma” há, na narrativa, clara abordagem da angústia sofrida por Adelaide e Olga quanto à situação de Policarpo no hospício e, ainda, do sofrimento de todas as pessoas que tinham um parente ou amigo naquela situação, considerada até pior do que a morte (Cf. BARRETO, 1911). De outro lado, o próprio Lima Barreto demonstrou, em sua crônica “Elogio da Morte”, de 1918, acreditar que a morte nem sempre é o pior desfecho, ao afirmar: “A vida não pode ser uma dor, uma humilhação de contínuos e burocratas idiotas; a vida deve ser uma vitória. Quando, porém, não se pode conseguir isso, a Morte é que deve vir em nosso socorro.” (BARRETO, 1918). Também no “Diário do hospício” esse pensamento fica claro, tendo o autor afirmado, depois de relatar que aquela se tratava de sua segunda internação no Hospital Nacional de Alienados: “Estou seguro que não

voltarei a ele pela terceira vez; senão, saio dele para o São João Batista, que é próximo”, referindo-se ao cemitério localizado no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro.

Nos diários, Lima Barreto é autor e narrador. No “Diário íntimo”, além de relatar suas confidências e mágoas, Lima Barreto registra suas internações no hospício que, no “Diário do hospício”, são narradas com detalhes, relatando sua situação, a vivência naquele local e, também, a indigência dos internados. Para Costa (2016, p. 25), durante sua segunda internação manicomial, “a observação sobre o seu próprio estado leva Barreto a notar também o outro, contextualizá-lo com os seus próprios complexos e sintetizá-lo por dois caminhos: o espaço real e o ficcional.” Portanto, os outros internados, relatados no “Diário do hospício”, eram faces do próprio autor e este estava refletido neles – todos naquela situação de decadência, de indignidade.

Com o “Diário do Hospício”, Lima Barreto esboça o romance que planeja escrever depois da internação e, de fato, ao sair dela, ele inicia sua obra “O Cemitério dos vivos”, que ficou inacabada. O título do romance, que traz, no dizer de Costa (2016, p. 14), uma metáfora, revelando a veia satírica do autor, demonstra que, por trás desse paradoxo, pois o cemitério é local de colocar os mortos, as pessoas ali depositadas como indigentes, são tratadas como mortas, mas são vivas, de modo que mereciam tratamento melhor.

O protagonista de “O cemitério dos Vivos”, Vicente Mascarenhas, que também é o narrador, se não pode ser completamente identificado com o autor Lima Barreto, claramente foi usado por ele para relatar, sob o ponto de vista do outro, suas próprias memórias, impressões e críticas ao sistema, notadamente o sistema manicomial, e à discriminação racial, de modo que, também em Vicente, Lima está presente. Nesse sentido, Ramos afirma que essa obra tem caráter autobiográfico, sendo Vicente Mascarenhas o *alter ego* de Lima Barreto (2015).

Costa (2016) esclarece:

No decorrer do Diário do hospício e de O cemitério dos vivos, é possível perceber que o autor reafirma elementos de sua vida, mas dentro do campo imaginário. Isso permite ao leitor identificar, nessas duas narrativas literárias, noções da autobiografia arquitetada no imaginário de autoficção de Barreto. (COSTA, 2016, p. 22)

Os dilemas vividos por Lima Barreto, decorrentes da discriminação que sofria, enquanto pobre, preto, alcoólatra, internado e depois egresso do manicômio, podem ser identificados em suas obras e



em seus personagens não apenas como relatos indignados e magoados, mas principalmente como protesto contra o sistema opressor dos negros, pobres, doentes e isso permite reflexões bioéticas importantes daquele momento histórico e para além dele, eis que as mesmas questões ainda violam a dignidade nos dias atuais.

#### 4. *Narrativa barreteana sob a perspectiva bioética*

Nas obras de Lima Barreto, notadamente aquelas citadas neste estudo, questões bioéticas ligadas ao tratamento das pessoas com deficiência mental ou psiquiátrica ganham relevo, considerando o modelo manicomial então usado, em que a pessoa era realmente enclausurada, sendo submetida “a tratamentos desumanos e degradantes, já que nenhum reconhecimento lhe era possibilitado em torno da sua humanidade ou sequer da sua autonomia” (SÁ; MOUREIRA, 2013, p. 147).

A teoria das incapacidades foi inicialmente formulada com base em um modelo de intolerância, chamado de modelo clássico, em que as pessoas com deficiência eram consideradas prescindíveis e, portanto, excluídas da convivência social, inicialmente através da prescindência eugênica, em que os deficientes eram exterminados e, depois, pela segregação, em que eles eram colocados em locais próprios para os considerados como anormais. Esse modelo da prescindência foi o vivido por Lima Barreto, em que as pessoas com doença mental, psiquiátrica e até os alcoólatras, eram excluídos da vida em sociedade e depositados em hospícios.

Diante dessa realidade, Lima Barreto escreve o “Diário do hospício” em uma situação-limite, em que se inscreve uma literatura da urgência (HIDALGO, 2008, p. 227), “que se estrutura numa espécie de desdobramento da *escrita de si*, realizada sob estado de emergência”, nas palavras de Luciana Hidalgo (2008, p. 229), segundo a qual ele escreveu tal obra para não enlouquecer ou para não morrer (2008), numa situação em que a loucura equivalia à morte, desafiando a memória e configurando um discurso de si.

Na literatura barreteana há, de fato, uma denúncia à situação dos internos no manicômio, que se agravava quando eles eram pretos e pobres, colocados então na ala dos indigentes, em que o “mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem-par.” (BARRETO, 1993, p. 25).

Com a evolução social, esse modelo de intolerância tornou-se odioso, de modo que deu lugar ao modelo médico da deficiência, desenvolvido no período do primeiro pós-guerra, justamente como resposta aos sobreviventes feridos (Cf. MADRUGA, 2019), sendo um modelo assistencialista e paternalista que, embora tivesse o intuito de proteger o incapaz, levava a uma abordagem de discriminação, pois via a deficiência como um defeito que demandava tratamento e cura (Cf. RAMOS, 2018).

Contudo, os valores desenvolvidos a partir Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, de 1948, que estabeleceu a dignidade da pessoa humana como princípio fundamental, tornaram esse modelo assistencialista inapto e ultrapassado, de modo que ele deu lugar ao chamando modelo social, refletindo a necessidade de respeito à igualdade substancial e à solidariedade.

Portanto, ao modelo da prescindência vivenciado por Lima Barreto, claramente inadequado, seguiram-se outras propostas, fundadas em uma abordagem mais humanizada, que culminou, no Brasil, com a edição da Lei nº 10.216, de 2001, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental e, posteriormente, pela Lei nº 13.146, de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Cf. ARQUETTE *et al.*).

Para além das críticas sofridas pelos novos modelos de assistência às pessoas com deficiência mental, é fato que as escritas de Lima Barreto nas obras “O triste fim de Policarpo Quaresma”, “Diário do hospício” e “O cemitério dos vivos” demonstram quão difícil e degradante era a situação de outrora.

Segundo Hidalgo (2008, p. 227), “ao compor um diário com inscrições minuciosas da rotina psiquiátrica e com críticas às relações de poder no manicômio, Lima produziu um raro documento da história da psiquiatria no Brasil”, e isso tem uma grande importância para além da história, pois possibilitou e ainda possibilita o conhecimento daquelas formas de degradação humana, revelando um modelo que jamais poderemos aceitar novamente.

Em “O triste fim de Policarpo Quaresma”, por sua vez, para além da situação dos internados no hospício, que também é retratada na obra, Policarpo Quaresma denuncia ainda a situação dos encarcerados, vivendo em situação degradante e desumana, inicialmente enxergada nos outros e

que, depois, se transformou em sua própria situação. Policarpo protesta contra a cena vista na prisão, em que pessoas escolhidas a esmo eram levadas para morrer, o que “falara fundo a todos os seus sentimentos; pusera diante dos seus olhos todos os seus princípios morais; desafiara a sua coragem moral e a sua solidariedade humana”, através de uma carta que escreveu ao Presidente da República “com veemência, com paixão, indignado. Nada omitiu do seu pensamento; falou claro, franca e nitidamente” (BARRETO, 1911).

Ao defender os vencidos, presos e condenados, cujo infeliz destino somente entendeu com “o afastamento da lancha”, que o fez pensar em “por que força misteriosa, por que injunção irônica ele se tinha misturado em tão tenebrosos acontecimentos, assistindo ao sinistro alicerçar do regime” (BARRETO, 1911), Policarpo Quaresma passa a defender o realmente se mostra importante – os direitos humanos, aqueles direitos considerados indispensáveis para uma vida humana pautada na liberdade, igualdade e dignidade (Cf. RAMOS, 2018).

Ao fim, Policarpo foi preso e colocado na mesma situação daqueles que procurou defender e, após refletir sobre porque “estava ali naquela masmorra, engaiolado, trancafiado, isolado dos seus semelhantes como uma fera, como um criminoso, sepultado na treva, sofrendo umidade, misturado com os seus detritos, quase sem comer” (BARRETO, 1911), pensou na carta escrita ao Presidente e concluiu que somente por tal razão poderia estar preso, não havendo outra que justificasse seu triste fim.

Lima Barreto revela, em suas obras, todos os conflitos que povoavam sua mente, atormentada pelo sentimento de injustiça, de ingratidão, de decepção, de vergonha, de grande tristeza, nos remetendo a importantes questões bioéticas relativas à dignidade da vida, compreendendo também a dignidade da morte.

A bioética se formou, segundo Guy Durand (2014, p. 13) a partir de vários termos conhecidos no mundo da saúde, como ética, moral e deontologia, envolvendo “o campo da vida e da morte, da saúde e da doença, da qualidade de vida e do sofrimento”, revolucionado pelos desenvolvimentos biomédicos e suas aplicações.

Segundo Sá e Naves (2018, p. 2), “a bioética surge como corolário do conhecimento biológico, buscando conhecimento a partir do sistema de valores”, tendo entre suas preocupações principais a questão

da autonomia do paciente e a questão ambiental, gerando um estreito entrelaçamento entre os discursos médico, ético e jurídico.

Nesse contexto, surgiu a Bioética da Proteção que, segundo Schramm (2008):

[...] é proposta recente no campo da bioética, formulada inicialmente por pesquisadores latino-americanos, que torna explícitos conteúdos que perpassam a ética desde seus albores e que se referem aos problemas morais envolvidos pela vulneração humana, ou seja, a condição existencial dos humanos que não estão submetidos somente a riscos de vulneração, mas a danos e carências concretas, constatáveis por qualquer observador racional e imparcial. (SCHRAMM, 2008, p. 11)

É possível analisar a narrativa barreteana sob a perspectiva bioética da situação do próprio autor e de seus protagonistas, tanto Policarpo Quaresma quanto Vicente Mascarenhas, que sofrem com a internação no hospício e são submetidos a condições indignificantes de sua natureza humana. Mas também é possível analisar, nas mesmas narrativas, as preocupações bioéticas dos protagonistas com os outros, vulnerados e submetidos a condições indignas (Cf. ARQUETTE *et al.*).

Conforme Schramm (2008), essas não são discussões estranhas à bioética, que realmente aborda as preocupações autênticas e legítimas de cada humano com seu sofrimento e finitude, mortalidade e sobrevivência pessoal, e também discute a qualidade de vida de todos os outros seres vivos, humanos ou não.

Nas obras observadas neste ensaio o autor traz um discurso em favor dos vencidos e, assim, mostra a necessidade de analisar a situação dos vulnerados (não apenas genericamente vulneráveis), revelando-se campo de estudo da bioética da proteção, para Schramm (2008)

[...] entendida como a parte da ética aplicada, constituída por ferramentas teóricas e práticas que visam entender, descrever e resolver conflitos de interesses entre quem tem os meios que o "capacitam" (ou tornam competente) para realizar sua vida e quem, ao contrário, não os tem. (SCHRAMM, 2008, p. 16)

As reflexões bioéticas propostas pela narrativa de Lima Barreto nos levam a pensar na dignidade da vida e da morte, tanto do autor quanto de seus personagens. Se o direito à vida é fundamental, sendo pressuposto para o exercício dos demais direitos inerentes à pessoa humana, ele necessariamente deve estar associado à garantia de seu exercício com dignidade, de modo que não assiste à pessoa humana simplesmente o direito à vida, mas o direito à vida digna, adjetivo dela indissociável (CF. ARQUETTE, 2018).

A vida digna foi negada ao autor, que sofreu com rótulos de pobre, preto, alcoólatra e outros, o que se refletiu em seus personagens. Mas também foi a ele negada, assim como a Policarpo Quaresma, a morte digna.

Quanto ao personagem Policarpo Quaresma, é possível indagar se ele foi submetido a uma situação de mistanásia, não havendo dúvidas de que o seu triste fim revela um total desrespeito à dignidade da pessoa humana, direito que independe de positividade normativa, pois não é criado por lei, sendo, antes, inerente à condição humana.

Quanto a Lima Barreto, morreu consumido pelo vício em álcool, sem tratamento decente, vítima também de mistanásia, tanto que Cony (1999) escreveu “O triste fim de Lima Barreto”, em que relatou: “Aos 41 anos, consumido pelo parati e pela miséria, com o pai louco no quarto ao lado, ele morreu abraçado a uma revista e teve um enterro humilde, acompanhado por bêbados como ele, vagabundos de subúrbio, cheirando a cachaça, os pés descalços.”

Assim, Lima Barreto teve uma morte mistanásica, prematura, consequência da omissão estatal na promoção de políticas públicas de proteção à vida e à saúde, submetido ao abandono e à falta de atendimento sanitário de qualidade (Cf. CABRAL *et al.*, 2016), situação precária que ainda permeia a saúde pública no Brasil, assim como Policarpo Quaresma, pois a mistanásia também pode estar configurada no abandono dos encarcerados, existente até os dias atuais, em que não apenas o Estado, mas também a própria sociedade, se tornam algozes dessa indignidade estabelecida, situação que, se não é a mesma de outrora, pois não mais se admite a pena de morte, a ela se assemelha, na medida em que a morte ainda acontece nas prisões, não mais por punição, mas pelo abandono, pelo descaso, pela discriminação.

Lima Barreto e seus personagens foram vítimas da sociedade desigual daquela época ditatorial, assim como ainda hoje, mesmo na democracia, há tantas outras vítimas, pois perduram a falta de acesso aos mais fundamentais direitos da pessoa, em razão da pobreza, da falta de informação, da falta de expressividade, da ausência de educação, da falta de reconhecimento.

Tanto Lima Barreto quanto Policarpo não têm um triste fim apenas porque morreram, mas principalmente porque viveram e morreram de forma indigna, assim como viveu Vicente Mascarenhas, caracterizado por uma “melancolia resignada” (FREIRE, 2014, p. 95)

através da qual “apresenta o hospício com seus internos e a sua própria decadência humana dentro daquele espaço” (COSTA, 2016, p. 28).

Essa realidade se repete, pois vemos como é triste o fim dos desamparados e excluídos, não apenas dos condenados formalmente, mas também daqueles condenados à indignidade pelas condições a que são submetidos, revelando que aquele universo está presente nos dias atuais, exigindo, ainda hoje, reflexão e tratamento bioéticos, demonstrando que, não obstante tenha havido muita evolução biotecnológica, a humanidade, em seu sentido mais profundo, precisar evoluir.

### **5. Considerações finais**

As obras de Lima Barreto abordadas no presente ensaio, seus diários, romances e até crônicas, permitem a análise de várias questões ligadas à conjuntura social do Brasil da época de sua ambientação, da época em que foram escritas e, para além disso, da realidade atual, de mais de um século depois, mas em que os problemas sociais referentes à discriminação das pessoas com deficiência mental, psiquiátrica, com problemas relacionados à dependência química e, ainda, por questões raciais e sociais, persistem.

Em “O triste fim de Policarpo Quaresma”, o protagonista muda sua visão sobre o Brasil, passando da crença romantizada de uma nação cujas terras são mais férteis, cujas paisagens são mais bonitas, cujas raízes indígenas devem ser preservadas, inclusive na língua, à descrença e falta de perspectiva ao final, quando percebe a realidade nua e crua, em que a terra precisa ser trabalhada para que produza, em que ele e outros deixaram de ter importância após lutarem em favor da República recém estabelecida, em que sua vida e seus feitos passados de nada valiam ante a contrariedade do regime diante de suas reivindicações. Assim, a obra revela uma proposta de mudança do paradigma romantizado sobre o Brasil, escancarando o desrespeito à vida dos opositores naquele regime e, para além deles, à vida de todos os colocados à margem de uma elite empoderada.

Além disso, nas obras “Diário íntimo”, “Diário do hospício” e “O cemitério dos vivos”, Lima Barreto demonstra a situação dos indesejados sociais, assim considerados por terem alguma deficiência, notadamente mental ou psiquiátrica, ou algum vício, como o alcoolismo, que são depositados como mortos vivos em manicômios, sem qualquer tratamento digno e direcionado à sua recuperação, simplesmente para lá

levados, muitas vezes compulsoriamente, para não incomodarem suas famílias e a sociedade. Mesmo com a crescente superação do modelo manicomial, os indesejados sociais, ainda hoje, ficam à margem da sociedade, sejam internados em hospitais ou clínicas psiquiátricas, ou clínicas de tratamentos contra a dependência química, sejam em situação de rua e desamparo, abandonados pelas famílias, pela sociedade e pelo estado ou os tendo abandonado para evitarem vigilância ou justificação.

A partir dessa análise, é possível perceber que o desrespeito à dignidade da pessoa humana, presente ainda hoje em nossa sociedade, vem de longo tempo, de modo que não é por acaso que foi estabelecida como princípio fundamental da República Federativa do Brasil na vigente Constituição da República, de 1988. Por óbvio, a simples previsão constitucional não é bastante para afastar a ocorrência de situações que degradam e indignificam a condição humana que a todos é garantida, mas não se pode ignorar que, a partir da sua inscrição formal, sua invocação na defesa contra tais situações se torna incontestável.

Assim, Lima Barreto desvela os dilemas de vida e morte tão afetos à bioética, permitindo percorrer, através da literatura, parte do caminho que, no âmbito nacional, culminaram com a preocupação da busca pela garantia da dignidade da pessoa humana durante toda a sua existência.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. 370p.

ARQUETTE L. N., Alinne. Cuidados paliativos e direito à morte digna: a caminho da autonomia existencial. In: CABRAL, H.B. *et al. Cuidados paliativos: estudos acadêmicos transdisciplinares*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2018. p. 154-69

ARQUETTE L. N., Alinne; ROBLES-LESSA, Moyana Mariano; LÓSS, Juliana da Conceição Sampaio; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. Narrativa sobre vida e morte em “O triste fim de Policarpo Quaresma” – reflexões bioéticas. *Revista Philologus*, Ano 27, n. 79 Supl., p. 878-90, Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2021.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *O triste fim de Policarpo Quaresma*. 1911. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000013.pdf>. Acesso em: 05-04-2021.

\_\_\_\_\_. 15 de Novembro. In: \_\_\_\_\_. *Crônicas*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000173.pdf>. Acesso em: 17-06-2021.

\_\_\_\_\_. Elogio da Morte. In: \_\_\_\_\_. *Crônicas*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000173.pdf>. Acesso em: 17-06-2021.

\_\_\_\_\_. *Diário do hospício; o cemitério dos vivos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993. Disponível em: [http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101373/diario\\_hospicio\\_o\\_cemiterio\\_vivos.pdf](http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101373/diario_hospicio_o_cemiterio_vivos.pdf). Acesso em: 15-06-2021.

\_\_\_\_\_. *Diário íntimo*. Disponível em [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=2078](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2078). Acesso em: 15-06-2021.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221

CABRAL, Hideliza Lacerda Tinoco Boechat *et al.* Mistanásia: os matizes da “morte miserável”. In: CABRAL, H.L.T.B; ZAGANELLI, M.V. *Mistanásia: a “morte miserável”*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2016. p. 146-71

CARMO, José Carlos Mariano de. *Uma leitura benjaminiana da narrativa de Lima Barreto*. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103483/318226.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05-04-2021.

CONY, Carlos Heitor. *O triste fim de Lima Barreto*. São Paulo: Folha de São Paulo, 22 de outubro de 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2210199940.htm>. Acesso em: 20-06-2021.

COSTA, Sidnei Sousa. *Imagens de si, do coletivo e da alteridade em Diário do hospício e O cemitério dos vivos de Lima Barreto*. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, 2016. Disponível



em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22102/1/2016\\_SidneiSousaCosta.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22102/1/2016_SidneiSousaCosta.pdf). Acesso em: 17-06-2021.

DURAND, Guy. *Introdução geral à bioética: história, conceitos e instrumentos*. Trad. de Nicolás Nyimi Campanário. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

EWALD, Felipe Grüne. Memória e narrativa: Walter Benjamin, nostalgia e movência. *Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas*. Dossiê: oralidade, memória e escrita PPG-LET-UFRGS, v. 4, n. 2, Porto Alegre, jul/dez 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/5994/4525>. Acesso em: 05-04-2021.

FERNANDES, Adriana Hoffmann. Diálogos com Walter Benjamin sobre narrativa: refletir para educar. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, n. 30, nov./2018-abr.2019, p. 7-19. DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28262>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/28262/24245>. Acesso em: 05-04-2021.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Mota. Trad. de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREIRE, Manoel. *A motivação autobiográfica em Lima Barreto*. *Manuscrita* – Revista de crítica genética. n. 26. 2014. p. 86-96. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/x2/article/view/2096/1990>. Acesso em: 22-06-2021.

HIDALGO, Luciana. *A loucura e a urgência da escrita*. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 10, n. 2, p. 227-42, Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Faculdade de Letras-UFRJ, jul.-dez. de 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/5ZkFHkj8RyyMpzrSdfz9swS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20-06-2021.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. 2 ed. In: NORONHA, J.M.G. (Org.). Trad. de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MADRUGA, Sidney. *Pessoas com deficiência e direitos humanos: ótica da diferença e ações afirmativas*. 3. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2019. 286p.

RAMOS, André de Carvalho. *Curso de direitos humanos*. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

RAMOS, Carolina Moura Barroso. *Os tipos literários na prosa de Lima Barreto*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3637/1/Carolina%20Moura%20Barroso%20Ramos.pdf>. Acesso em: 05-04-2021.

SÁ, Maria de Fátima Freire de Sá; MOUREIRA, Diogo Luna. Direitos das pessoas portadoras de transtorno mental e do comportamento no Brasil: a necessidade de autoafirmação e reconhecimento. *Percurso Acadêmico*, v. 3 n. 5, (Direito biomédico, neurociências e psiquiatria: aspectos teóricos e práticos), jan./jun.2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/percursoacademico/article/view/6329>. Acesso em: 07-04-2021.

SÁ, Maria de Fátima Freire de; NAVES, Bruno Torquato de Oliveira. *Bioética e biodireito*. 4. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2018.

SILVA, Pedro Santos da. *Afonso Henriques de Lima Barreto e o mito da identidade nacional*. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. 162f. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14816>. Acesso em: 05-04/2021.

SCHRAMM, Fermin Roland. Bioética da Proteção: ferramenta válida para enfrentar problemas morais na era da globalização. *Revista Bioética*. 16 (1). p. 11-23, 22008. Disponível em: [https://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista\\_bioetica/article/view/52/55](https://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/52/55). Acesso em: 05-04-2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto e a escrita de si. *Estud. av.*, v. 33, n. 96, p. 137-154, São Paulo, Aug. 2019. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142019000200137&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142019000200137&lng=en&nrm=iso). Epub Aug 12, 2019. <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3396.0009>. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142019000200137](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142019000200137). Acesso em: 05-04-2021.